COMBLIN E FRANCISCO, TESTEMUNHAS DA EVANGELLI GAUDIUM

José Ronaldo Alves*

Resumo

A ação pastoral hodierna exige de todos os cristãos batizados, comprometidos com a missão evangelizadora e a animação bíblico-catequética, uma profunda experiência com a palavra de Deus, que os levem a um profundo e eficaz testemunho da "alegria do Evangelho" do Reino de Deus. Frente aos desafios contemporâneos, o testemunho se faz urgência teológica. Este artigo tem por objetivo provocar uma reflexão em torno do testemunho e fé e missão de dois grandes missionários: José Comblin, sacerdote e teólogo, falecido em 27 de março de 2011, e o atual papa, Francisco, sob a ótica da Exortação Apostólica: Evangelli Gaudium. O desenvolvimento do título e suas subdivisões têm base bibliográfica e estreita relação com os fatos atuais da pastoral da Igreja. Ao final do trabalho, conclui-se que as concepções teológicas do sacerdote e missionário José Comblin, e seu riquíssimo acevo cultural, e no contato com sua intuição que afirmara que "o papel dos cristãos seria o de devolver a palavra "sobretudo aos pobres e excluídos"; podemos sim ligá-lo ao papa Francisco, que por sua vez, vai ao encontro dos periféricos geográficos e existenciais. Essa aproximação se dá no âmbito do testemunho de suas vidas devotadas ao anúncio da Palavra de Deus.

Palavras-chave: Testemunho. Alegria. Missão. Evangelho.

Introdução

> Mas, de modo nenhum, considero a minha vida preciosa para mim mesmo, contanto que eu leve a bom termo a minha carreira e realize o serviço que recebi do Senhor Jesus, ou seja, testemunhar o Evangelho da graça de Deus. (At 20,24)

Comblin e Francisco, cada um a seu tempo, modo e contexto, porém quase contemporâneos de nascimento, vindos de lugares diferentes, se encontram em profundo e atual diálogo, de modo teológico, com o chão latino-americano. São apresentados, pela fé e encarnação do Evangelho, verdadeiras testemunhas da "Alegria do Evangelho" de nosso Senhor Jesus Cristo.

* BACHAREL EM TEOLOGIA – FACULDADE CATÓLICA DE FORTALEZA. Mestrando em Teologia pela UNICAP – UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – Programa de pós-graduação em Teologia.

Comblin viveu o Evangelho com alegria e o sentiu na própria carne e contexto social, tornando-se homem da Palavra e da missão. *TESTEMUNHA DA BOA NOVA* DO *REINO*; aqui situamo-lo no amplo lastro das testemunhas de Cristo. Ao ampliar seu fazer teológico do ponto de vista latino-americano, no desenvolvimento da Teologia da Libertação, Comblin colaborou com a estaturação da referida teologia; em um primeiro lugar para que em um segundo momento "centralizar sua teologia no campo antropológico e chegar finalmente a construção de uma epistemologia sempre atual e capaz de ser repensada e aplicada a cada contexto, ou seja, "um mesmo tema pode ser retomado em períodos e época diferentes, e, por estar ligado à realidade, reflete em si mesmo sua transformação. "Comblin foi um apaixonado pela causa libertária dos pobres, na perspectiva do seguimento de Jesus, o que abre perspectivas para a reflexão sobre a identidade da fé cristã como também sobre critérios para o diálogo inter-religioso".

O Papa **Francisco**, por sua vez, oferece à Igreja e sua missão, elementos capazes de impulsionar e atualizar o seu ser missionário, seja por meio de seus escritos, compreensão eclesial ou pela força do seu testemunho como podemos verificar em alguns de seus pensamentos, Francisco fala, assim, como falou Comblin, a partir do seu testemunho e estilo de vida: *"Na vida do cristão há um «duplo testemunho»: o do Espírito que «abre o coração» mostrando Jesus, e o da pessoa que «com a força do Espírito» anuncia «que o Senhor vive». Um testemunho, este último, que deve ser dado «não tanto com palavras» quanto com a «vida», mesmo à custa de «pagar o preço» das perseguições."1* Continua o Pontífice, «o cristão, com a força do Espírito, dá testemunho que o Senhor vive, que o Senhor ressuscitou, que o Senhor está no meio de nós, que o Senhor celebra conosco a sua morte e ressurreição, todas as vezes que nos aproximamos do altar»; e fá-lo «na sua vida quotidiana, com o seu modo de agir». É, acrescentou, «o testemunho constante do cristão». Ao mesmo tempo, o cristão deve estar ciente de que por vezes este testemunho «provoca ataques, provoca perseguições»: são «as pequenas perseguições», como as das «bisbilhotices» e das «críticas», mas também das perseguições das quais «a história da Igreja está repleta», ou seja, as que levam «os cristãos para a prisão» ou «até a dar a vida».

1 Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 18 de 5 de maio de 2016.

Segue o Santo Padre. "Não é cristão esperar que os ***irmãos inquietos*** batam às nossas portas; somos nós que devemos ir ter com eles, não lhes levando a nós mesmos, mas Jesus. Ele manda-nos, como aqueles discípulos, para encorajar e levantar em seu nome. Manda-nos dizer a cada um: 'Deus pede para te deixares amar por Ele'. Quantas vezes – continuou Francisco –, em vez desta mensagem libertadora de salvação, nós levamos a nós mesmos, as nossas 'receitas', as nossas 'etiquetas' na Igreja! Quantas vezes, em vez de fazer nossas as palavras do Senhor, despachamos como palavra d'Ele as nossas ideias! Quantas vezes as pessoas sentem mais o peso das nossas instituições que a presença amiga de Jesus! Então aparecemos como uma ONG, uma organização parestatal, e não como a comunidade dos redimidos que vivem a alegria do Senhor." "A fé é questão de encontro, não de teoria. No encontro, Jesus passa; no encontro, palpita o coração da Igreja. Então serão eficazes, não as nossas homilias, mas o testemunho"

Francisco, na sua Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, nos oferece elementos seguros para construirmos uma Igreja em saída e em permanente diálogo com o mundo. Uma Igreja guiada e fortalecida pela força do Espírito Santo; Espirito que o guia e o torna próximo de todos e em diálogo com todos.

Finalmente, na base do testemunho cristão está a Sagrada Escritura, fonte segura a alimentar o agir de todos os batizados, como nos afirma o papa Bento XVI, na Verbum Domini: "Num mundo que frequentemente sente Deus como supérfluo ou alheio, confessamos como Pedro que só Ele tem "palavras de vida eterna" (Jo 6, 68). Não existe prioridade maior do que esta: reabrir ao homem atual o acesso a Deus, a Deus que fala e nos comunica o seu amor para que tenhamos vida em abundância (cf. Jo 10, 10)."[2]

1. TESTEMUNHA DA BOA NOVA DO REINO

Ser testemunha do Reino dos Céus, é pelo sacramento do Batismo, uma condição inerente e profundamente decisiva para os iniciados na fé. Biblicamente falando, essa condição encontra sua base no próprio mandato missionário do Senhor: "Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou

2 EXOSRTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL VERBUM DOMINI, nº 2

convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!"3 Jesus não só envias os seus discípulos de ontem e de hoje, como garante sua presença real no meio dos enviados.

A condição de testemunha do Reino também nos vem do Senhor que ao repassar suas últimas orientações aos seus amigos disse: "Então abriu-lhes a mente para que entendessem as Escrituras, e disse-lhes; 'Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu Nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém. Vós sois testemunhas disso."4 O missionário Comblin, assim como Papa Francisco, procurou em sua ação missionário, esta fidelidade ao mandato de Jesus Cristo, sobretudo na atenção e serviço aos mais pobres e excluídos da vida e da sociedade.

A Conferência de Aparecida, de fato, fez um forte chamado a toda a Igreja a se colocar em um permanente "estado de missão", convocando os leigos e leigas como protagonistas principais quando afirmou: "Hoje, toda a Igreja na América Latina e no Caribe querem colocar-se em estado de missão. A evangelização do Continente, dizia-nos o papa João Paulo II, não pode realizar-se hoje sem a colaboração dos fiéis leigos. (...) Em outras palavras, é necessário que o leigo seja levado em consideração com espírito de comunhão e participação."5 O Papa Francisco tem enfatizado com grande veemência a força do laicato na ação missionaria hodierna. Muito temos a aprender do testemunho do missionário José Comblin.

1.1 – Dimensão missionária da teologia de José Comblin

A dimensão missionária da teologia de José Comblin, encontrou no chão latino-americano sua solidez e fonte intuitiva à lua da Palavra de Deus. O fazer teológico de Comblin em contato, nos primeiros anos, com a Teologia da Libertação o fez mergulhar profundamente no contexto de mudanças proporcionado pelas luzes advindas do Vaticano II, como também, das conferências de Medellin e Puebla. Podemos afirmar que Comblin foi

3 Mt 28, 19
4 Lc 24, 45-48
5 DOCUMENTO DE APARECIDA – V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – 13-31 de maio de 2007, nº 213

muito sensível aos apelos de mudanças e à luz dessas duas conferências, procurou "aplicar as decisões conciliares à situação da América Latina, mas pôs em movimento uma 'receptividade criativa do Concílio na perspectiva dos pobres'"6

1.2 – Lugar teológico do testemunho de José Comblin

O lugar teológico do testemunho de José Comblin, encontra sua base antropológica no "rosto dos pobres" e seu contexto existencial. Sua teologia em um primeiro momento situou-se na dimensão contemplativa da realidade; para em um segundo momento, desenvolver seu labor teológico. Comblan deu à sua teologia um suporte antropológico que marcou todo o seu pensamento e produção literária. Seu intento era conscientizar o homem e a mulher a serem cada vez mais humanos; pois em sua sensibilidade notava uma escalada de desumanização da pessoa enquanto ente social e divino. A centralidade do humano em sua obra é essencial, o que o leva a afirmar: "A humanidade não é um tema entre os outros dentro da teologia, mas é o tema central". Comblin descobre na "opção preferencial pelos pobres" a sua concepção antropológica. O eminente teólogo dirigi sua teologia para que toque na face do homem "pobre latino-americano".

1.3 – Aproximação da compreensão evangelizadora de Comblin com o Papa Francisco na ótica da Evangelii Gaudium.

Ao situarmos Comblin e Francisco na ótica da Evangelli Gaudium, isso se dá em elementos bem precisos que a Exortação Apostólica aponta, como por exemplo: a alegria do anúncio do Kerigma, de modo especial aos pobres e periféricos geográficos e existenciais. Toda ação evangelizadora de Comblin consistiu em devolver aos pobres sofridos a alegria da Boa Nova do Reino de Deus, na linha libertadora.

> A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos[7]

6 Cf. L. Boff, Eine Kreative Rezeptio des II. Vatikanums aus der Sicht der Armen: die Theologie der Befreiung (1984), pp. 628-654.

[7] Exortação Apostólica Evangeli Gaudium nº 1

Comblin e Francisco se aproximam quando da leitura contextual do humano e do resgate do homem e da mulher marginalizados por sistemas de morte e apontam como força para vencê-lo a caridade, o amor e a justiça social: "Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da auto-referencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da acção evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?"[8] Verificamos em ambos uma salutar preocupação pela inclusão social dos pobres e marginalizados. Sobre a inclusão social dos pobres, Francisco afirma que esta: "Deriva da nossa fé em Cristo, que Se fez pobre e sempre Se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade."[9]

Não podemos esquecer do aspecto libertador assumido por Comblin e Francisco. Uma libertação que nasce da capacidade de escutar o "clamor" do povo de Deus.

> A Igreja reconheceu que a exigência de ouvir este clamor deriva da própria obra libertadora da graça em cada um de nós, pelo que não se trata de uma missão reservada apenas a alguns: «A Igreja, guiada pelo Evangelho da Misericórdia e pelo amor ao homem, *escuta o clamor pela justiça* e deseja responder com todas as suas forças» Nesta linha, se pode entender o pedido de Jesus aos seus discípulos: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (*Mc* 6, 37), que envolve tanto a cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como os gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos. Embora um pouco desgastada e, por vezes, até mal interpretada, a palavra «solidariedade» significa muito mais do que alguns actos esporádicos de generosidade; supõe a criação duma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns.[10]

[8] Evangelii Gaudium, nº 8
[9] Evangelii Gaudium, nº 8
[10] Ibid., 188

Destacamos outra importante aproximação entre Comblin e Francisco no que diz respeito à dimensão ético-social e eclesial, no reconhecimento e defesa dos direitos humanos e o risco da instrumentalização indevida de tais direitos:

> Às vezes trata-se de ouvir o clamor de povos inteiros, dos povos mais pobres da terra, porque «a paz funda-se não só no respeito pelos direitos do homem, mas também no respeito pelo direito dos povos» Lamentavelmente, até os direitos humanos podem ser usados como justificação para uma defesa exacerbada dos direitos individuais ou dos direitos dos povos mais ricos. Respeitando a independência e a cultura de cada nação, é preciso recordar-se sempre de que o planeta é de toda a humanidade e para toda a humanidade, e que o simples facto de ter nascido num lugar com menores recursos ou menor desenvolvimento não justifica que algumas pessoas vivam menos dignamente. É preciso repetir que «os mais favorecidos devem renunciar a alguns dos seus direitos, para poderem colocar, com mais liberalidade, os seus bens ao serviço dos outros». Para falarmos adequadamente dos nossos direitos, é preciso alongar mais o olhar e abrir os ouvidos ao clamor dos outros povos ou de outras regiões do próprio país. Precisamos de crescer numa solidariedade que «permita a todos os povos tornarem-se artífices do seu destino», tal como «cada homem é chamado a desenvolver-se».[11]

Comblin reconheceu e Francisco reconhece em sua pratica pastoral no comando da Igreja Universal, o lugar que ocupa os pobres no coração de Deus, de um Deus que ama e caminha com seu povo, que não o abandona em nenhum momento:

> No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo «Se fez pobre» (*2 Cor* 8, 9). Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres. Esta salvação veio a nós, através do «sim» duma jovem humilde, duma pequena povoação perdida na periferia dum grande império. O Salvador nasceu num presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres; foi apresentado no Templo, juntamente com dois pombinhos, a oferta de quem não podia permitir-se pagar um cordeiro (cf. *Lc* 2, 24; *Lv* 5, 7); cresceu num lar de simples trabalhadores, e trabalhou com suas mãos para ganhar o pão. Quando começou a anunciar o Reino, seguiam-No multidões de deserdados, pondo assim em evidência o que Ele mesmo dissera: «O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu para anunciar a Boa No-va aos pobres» (*Lc* 4, 18). A quantos sentiam o peso do sofrimento, acabrunhados pela pobreza, assegurou que Deus os tinha no âmago do seu coração: «Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus» (*Lc* 6, 20); e com eles Se

[11] Ibid., 190

> identificou: «Tive fome e destes-Me de comer», ensinando que a misericórdia para com eles é a chave do Céu (cf. *Mt* 25, 34-40).12

2. TESTEMUNHO MISSIONÁRIO DO PAPA FRANCISCO.

Não somente pelas suas viagens apostólicas pelo mundo, como também, pelo seu testemunho e capacidade dialogal de ir ao encontro das pessoas, que o torna um homem portador da "Alegria do Evangelho". Seu agir pastoral conclama toda a Igreja a voltar à sua essência missionária e ser uma comunidade verdadeiramente missionária:

> O cristão é um missionário de esperança, não um profeta de desgraças, como se tudo tivesse terminado no calvário ou na sepultura. O essencial do seu anúncio – com os fatos e o testemunho de vida – é Jesus, que depois de morto, ressuscitou na manhã de Páscoa. E "quem teve a graça de abraçar a ressurreição de Jesus, pode ainda esperar no inesperado.13

2.1 - Construindo uma Igreja em saída.

É responsabilidade de todos os batizados e iniciados na fé católica. Ser Igreja em saída e não se fechar em si mesma, com medo de dialogar com o mundo, de se aventurar novamente.

> Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de «saída», que Deus quer provocar nos crentes. Abraão aceitou a chamada para partir rumo a uma nova terra (cf. *Gn* 12, 1-3). Moisés ouviu a chamada de Deus: «Vai; Eu te envio» (*Ex* 3, 10), e fez sair o povo para a terra prometida (cf. *Ex* 3, 17). A Jeremias disse: «Irás aonde Eu te enviar» (*Jr* 1, 7). Naquele «ide» de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova «saída» missionária. Cada cristão e cada comunidade há-de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.14

Francisco exorta sempre e cada vez mais que: necessitamos de uma "Igreja livre, simples, "sempre em saída", e aprofunda em que sentido ela, a Igreja, se vê em "saída":

> A Igreja «em saída» é a comunidade de discípulos missionários que «primeireiam», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. *Primeireiam* – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A

12 Evangelli Gaudium, nº 197
13 Catequese da Audiência Geral, quarta-feira, 4 de outubro de 2017, tema "missionários de esperança hoje",
14 Evangelli Gaudium, nº 20

> comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. *1 Jo* 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa! Como consequência, a Igreja sabe «envolver-se». Jesus lavou os pés aos seus discípulos. O Senhor envolve-Se e envolve os seus, pondo-Se de joelhos diante dos outros para os lavar; mas, logo a seguir, diz aos discípulos: «Sereis felizes se o puserdes em prática» (*Jo* 13, 17). Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o «cheiro das ovelhas», e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a «acompanhar». Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportação apostólica. A evangelização patenteia muita paciência, e evita deter-se a considerar as limitações. Fiel ao dom do Senhor, sabe também «frutificar». A comunidade evangelizadora mantém-se atenta aos frutos, porque o Senhor a quer fecunda. Cuida do trigo e não perde a paz por causa do joio. O semeador, quando vê surgir o joio no meio do trigo, não tem reacções lastimosas ou alarmistas. Encontra o modo para fazer com que a Palavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova, apesar de serem aparentemente imperfeitos ou defeituosos. O discípulo sabe oferecer a vida inteira e jogá-la até ao martírio como testemunho de Jesus Cristo, mas o seu sonho não é estar cheio de inimigos, mas antes que a Palavra seja acolhida e manifeste a sua força libertadora e renovadora. Por fim, a comunidade evangelizadora jubilosa sabe sempre «festejar»: celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização. No meio desta exigência diária de fazer avançar o bem, a evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da actividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar.15

2.2– Guiado pelo Espírito de Cristo para evangelizar com espírito.

Só consegue evangelizar com espírito e mística quem se deixa guiar pelo Espírito de Cristo:

15 Ibid., nº 24

> Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à acção do Espírito Santo. No Pentecostes, o Espírito faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transforma-os em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua. Além disso, o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (*parresia*), em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo contra-corrente. Invoquemo-Lo hoje, bem apoiados na oração, sem a qual toda a acção corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim de contas, carece de alma. Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras, mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus.16

3. SAGRADA ESCRITURA E TESTEMUNHO CRISTÃO

Os textos bíblicos nos fornecem elementos seguros, a partir de homens e mulheres que fizeram a experiência de encontro com Deus, e souberam responder com o testemunho de suas vidas, que possibilitam também a cada um de nós a darmos o nosso testemunho de adesão à Boa Nova do Reino de Deus. Encontramos no Catecismo da Igreja Católica algumas testemunhas, que por seu exemplo de vida, provaram o amor de Deus.

> Obedecer (ob-audire) na fé é submeter-se livremente à palavra escutada, por a sua verdade ser garantida por Deus, que é a própria verdade. Desta obediência, o modelo que a Sagrada Escritura nos propõe é Abraão. A sua realização mais perfeita é a da Virgem Maria.17

> A Epístola aos Hebreus, no grande elogio que faz da fé dos antepassados, insiste particularmente na fé de Abraão: «Pela fé, Abraão obedeceu ao chamamento de Deus, e partiu para uma terra que viria a receber como herança: partiu, sem saber para onde ia» (Heb 11, 8) (4). Pela fé, viveu como estrangeiro e peregrino na terra prometida (5). Pela fé, Sara recebeu a graça de conceber o filho da promessa. Pela fé, finalmente, Abraão ofereceu em sacrifício o seu filho único.18

> Abraão realiza assim a definição da fé dada pela Epístola aos Hebreus: «A fé constitui a garantia dos bens que se esperam, e a prova de que existem as coisas que não se vêem» (Heb 11, 1). «Abraão acreditou em Deus, e isto foi-lhe atribuído como justiça» (Rm 4, 3) (7). «Fortalecido» por esta fé (Rm 4, 20), Abraão tornou-se «o pai de todos os crentes» (Rm 4, 11. 18) (8).19

> O Antigo Testamento é rico em testemunhos desta fé. A Epístola aos Hebreus faz o elogio da fé exemplar dos antigos, «que lhes valeu um bom testemunho» (Heb 11, 2. 39). No entanto, para nós, «Deus previra destino

16 Evangelli Gaudium, nº 259
17 Catecismo da Igreja Católica, nº 144
18 Ibid., nº 145
19 Ibid., 146

> melhor»: a graça de crer no seu Filho Jesus, «guia da nossa fé, que Ele leva à perfeição» (Heb 11, 40; 12, 2).20
>
> A Virgem Maria realiza, do modo mais perfeito, a «obediência da fé». Na fé, Maria acolheu o anúncio e a promessa trazidos pelo anjo Gabriel, acreditando que «a Deus nada é impossível» (Lc 1, 37) (9) e dando o seu assentimento: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Isabel saudou-a: «Feliz aquela que acreditou no cumprimento de quanto lhe foi dito da parte do Senhor» (Lc 1, 45). É em virtude desta fé que todas as gerações a hão-de proclamar bem-aventurada.21
>
> Durante toda a sua vida e até à última provação (11), quando Jesus, seu filho, morreu na cruz, a sua fé jamais vacilou. Maria nunca deixou de crer «no cumprimento» da Palavra de Deus. Por isso, a Igreja venera em Maria a mais pura realização da fé.22

3.1– Evangelizar com alegria.

A partir do Kerigma, cada batizado tem acesso ao Evangelho da Vida e da Alegria, tornando-o por sua vez, multiplicador da alegria que é a identidade do que amam Jesus Cristo. Não se pode evangelizar com um "rosto azedo" ou sem entrar na Nova Evangelização e suas reais possibilidades.

3.2– Testemunhas do Mistério.

Comblin e Francisco são acima de tudo, testemunhas do Mistério. Do mistério de um Deus que se revelou e se revela no rosto de cada pobre que vem a este mundo. No "pobre", que se torna "lugar teológico" da manifestação de Deus. No pobre e excluído que clama por Libertação, que clama por vida. Comblin e Francisco, testemunhas da Evangelli Gaudium.

Portanto, podemos elencar alguns paralelos que os unem no testemunho:
Comblin pergunta: Por que há uma diversidade na percepção e na vivência do Evangelho de Jesus? E responde: "porque Jesus não veio para fundar uma religião nova e sim para salvar e levar à sua plenitude as religiões, as filosofias, as sabedorias de todos os povos.

Jesus não pede aos povos que deixem a sua religião, a sua sabedoria, a sua filosofia; Ele anuncia a todos a libertação de todas as formas de dominação e de escravidão que há em

20 Ibid., 147
21 Ibid., 148
22 Ibid., 149

todas as religiões, todas as filosofias, todas as sabedorias, assim como nas estruturas materiais e sociais em que homem e mulher vivem. Finalizo apontando três pontos que ligam esses dois homens:

1. Comblin e Francisco são contemporâneos no testemunho, no olhar amplo para a realidade humana existencial; existencial da fé, da missão, ação e liberdade.
2. Comblin e Francisco são contemporâneos no testemunho, quando, cada um ao seu modo, vai ao encontro do "pobre" e diz para este: "Eu acredito em você", Deus ama você; Deus os acolhe; Deus escuta vosso clamor.
3. Comblim e Francisco são unidos no testemunho da alegria do Evangelho por serem homens que não apenas acreditam, mas se tornaram evangelhos vivos, onde se pode ler em seus rostos o Evangelho. São homens que sonham e chamam a todos a sonhar e construir no hoje da história uma "Igreja mais humana e fiel a Cristo", como nos afirmou o profº Dr. Ernane Pinheiro.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini**. Do santo Papa Bento XVI ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos – sobre a palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. 6.ed. São Paulo: Paulinas, 2011

FRANCISCO. **Exortação Apostólica – Evangelli Gaudium**. Do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

COMBLIN, Joseph. **Evangelizar.** Petrópolis: Vozes, 1980. 130 p. (Meditações evangélicas; v.8).